

O REIVINDICADOR

REDACTOR
Manuel Ramos
EDITOR

Adriano P. de Freitas

Quinzenario defensor das classes proletarias

Propriedade do grupo editor O REIVINDICADOR

ADMINISTRADOR
Manuel Horta
SECRETARIO DA REDACÇÃO
José Antonio Góis

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Minerva Commercial—Rua da Republica, 77

EVORA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa dos Trabalhadores—Rua dos Pintores—BEJA

Toda a correspondencia deve ser enviada

ao camarada João da Rosa Junior

Estrada da Circunvalação—BEJA

CONDIÇÕES DA ASSINATURA

Ano \$20

Semestre \$60

Pagamento adiantado

HOJE, COMO SEMPRE!...

No cumprimento dum dever altruista um grupo de trabalhadores conscientes, na sua pluridade apóstolos fervorosos do Ideal Socialista, na mira de divulgar pelo pensamento a sua crença, deita hoje, 1 de Janeiro de 1921, á luz da publicidade uma folha de pequeno formato, denominado *O Reivindicador*. Quinzenario como se propoz que fosse; lutará intransigentemente ao lado dos que trabalham e produzem e nada tem, contra os aigozes que nos dominam. Que importa que ele seja pequeno? Acaso, ele, terá receio de apregoar o seu credo, vulgarizando a Verdade contra a Mentira? A honradez contra o banditismo? Não!.. Fará mais. Conduzirá a luz onde penetra as trevas! A razão, onde reina a iniquidade! A instrução onde existe a ignorancia mãe da estupidez, do crime e da carnificina humana!

Intrepidamente, erguerá o brado justiceiro contra a hegemonia capitalista, que nos vexa e oprime.

A tudo isto vae a pleiade de libertarios responder altivamente!... Terminando, apelamos para a consciencia daqueles que sentem o mesmo que nós sentimos,— a dor e o sofrimento,— a ajudar-nos a elevar a nossa obra.

E hoje como sempre gritemos, abaixo a tirania burgueza! Viva a classe trabalhadora!

Beja, 1-1-1921

O GRUPO EDITOR

Quem somos e o que queremos

Quem somos? Sabe o bem o leitor, por certo; somos os despojados do que pertence ao ser humano, as victimas da tirania burgueza; somos os sonhadores d'um mundo brilhante de alegrias, os pioneiros d'um ideal grandioso, humano e justo.

O que queremos? Tambem o leitor não desconhece, por certo, o que queremos: queremos o baquear da tirania e, consequentemente, o advento da Liberdade. Queremos o triunfo da justiça, não da hipócrita e miseravel justiça burgueza, vesga e imoral, mas o triunfo dessa justiça sublime que reside na consciencia de todos os homens normaes.

Entre dois mundos, o mundo da miseria e da ignorancia que nos oferece a defeituosa organização burgueza, e o mundo de abundancia e de luz que antevemos na sociedade socialista, não hesitamos: homens justos como somos,

preferimos o ultimo, que dará emoções delicadas aos nossos corações e gosos perenes á nossa inteligencia. Se é certo que não pretendemos esmagar os burguezes, é certo que pretendemos esmagar a burgueza. Mentiriamos se escrevessemos o contrario. A instituição burgueza é a fonte de onde nasce todo o mal. A Igualdade económica será o motivo d'este ideal quente e generoso: Harmonia!

O exercito anti-burguez, o exercito socialista, que não é constituído por mercenarios mas por homens cheios de sublime abnegação, cresce dia a dia; e nós, que queremos lutar á sombra da sua embriagadora bandeira, vimos marcar o nosso lugar para que a victoria seja mais facil. Hoje, nas salas da nossa redacção e em todos os logares onde a nossa inteligencia possa chegar, faremos uma obra evolutiva; amanhã, quando che-

gar a hora do encarniçado combate, cooperaremos na revolução com a força do nosso braço. Todos os momentos que antecedem a revolução são momentos evolutivos. Por isso mesmo nós somos ao mesmo tempo evolucionistas e revolucionarios...

Somos anarquistas e como tal o nosso fim é a Anarquia; mas por que a Anarquia será uma obra de lenta evolução, descemos provisoriamente da sua alta torre de marfim, não para pôr-mos de parte a nossa linda ideia—isso nunca!—mas para cooperar-mos na proxima revolução expropriadora da burgueza. Ingressaremos ousadamente na frente unica, certos de que todos os elementos sinceramente socialistas devem estar de acordo para este fim emocionante: a queda rapida da organização burgueza, motivo odiado de todas as lagrimas, razão maldita de todos os crimes!

Só os parvos e os velhacos dirão que não é possível a sociedade que queremos. Os parvos são em muito maior

numero. Quando um visionario anuncia ao mundo uma proxima realidade sensacional, mil bocas, milhões de bocas se abrem para lhe chamar doido. Todavia o doido consegue depois provar praticamente o que sonhou, ante a pasmaceira lamentavel dos ignorantes. E' que o doido, alem dos olhos do rosto, possui os olhos do espirito. Os outros, os que o metem a ridiculo, não podem ver mais do que o que se lhes depára na frente do nariz...

Nós afirmamos, como consequencia dos nossos raciocinios, que todos os seres podem ser felizes. Todos podem viver em abundancia de alimentos, de vestuario e de prazeres de espirito. Basta que a propriedade individual desapareça, cedendo o seu lugar á propriedade comum. Existindo o comunismo de interesses, existirá o amor pelo trabalho e pela sciencia, motivo de todas as alegrias. Nós somos por uma sociedade onde se trabalhe, onde trabalhem todos. E' por isso mesmo que não toleramos

O REIVINDICADOR

a burguezia, que manda trabalhar um grandioso exercito de escravos...

Leitor: Sê nosso amigo. Aproxima-te de nós. Investiga os nossos intuitos. Adquirirás assim a certeza dos nossos leaes propositos. Se és já nosso camarada, tanto melhor. Se o não és ainda, interessa-te por esta causa, que é tua tambem, que é de todos. Se és burguez, não te odiamos. Não acreditamos nas virtudes do odio; mas dizemos-te altivamente que pretendemos esmagar a tua pérfida organização, mãe de todos os crimes. Este jornal é um baluarte. Da mentira? Não! Da Verdade. A Verdade, o Ideal, a Justiça, a Sociedade futura, são coisas nobres por que sempre pelejará ousada e entusiasticamente

A REDACÇÃO.

Aclarando...

Depois de inumeros sacrificios e de uma longa anatomia, sai hoje a luz da publicidade, o primeiro numero d'O Reivindicador. Vem á notariade, porque assim o quiz a imperiosa necessidade que reina entre nós e a organização operaria local, em afirmarmos altivamente as razões que nos assiste.

Neste burgo, onde o patronato e o capitalismo, são na sua essencia absolutos e velhacos, nós, de forma alguma poderíamos, ficar quietos e indiferentes ante o poderio daqueles senhores. Admitir tão arrogante banalidade será, contudo, consentir o esmagamento das nossas forças e o corrompimento dos nossos lares.

A edificação deste porta-voz proletariano, sub-eva-se á expansão mais sublime dos nossos sentimentos!

Queremos, como é nosso objectivo, desenvolver a propaganda sindicalista revolucionaria, neste vasto Alentejo, lugar, aonde existe infelizmente um grande numero de trabalhadores, presos ainda á animalidade. Sistemáticamente, activar, energeticamente dirigindo apelos, (como o fazemos já aqui) aos trabalhadores indiferentes ao movimento sindical, associarem-se quanto breve possível no seu sindicato de officio ou de industria, e bem assim exemplificar o valor do

Dever! Tenhâmos em memoria os martires da Comuna de Paris, em 1871, e os de 1887, em Chicago. Adeante, vamos buscar os de Lyon, de 1918 e os do Danubio, na Hungria, do mesmo ano. Todos eles, foram mortos, e arrastados para o tumulo frigidido do cemiterio. Uns, foram fuzilados pela metralha fumegante dos canhões, na rua, na praça publica, á ordem dos canibais. Outros enforcados, guilhotinados e ainda arremessados aos oceanos, pelo crime de vulgarisarem a Verdade! Suprema injuria! Assassinarão-se creaturas, desta envergadura é sem duvida, criar obstaculos á evolução da genese humana e ao progresso da Humanidade. Esses crimes, essas perseguições, são a base, para nos sustentarmos bradando pela nossa Justiça e pelos nossos incontestaveis Direitos!

Cá estamos. Venha o que vier, suceda o que suceder, o nosso campo é o Sindicalismo, e só ele, com a homogenea força do proletariado, poderá impôr-se aos fidalgos exploradores.

Não, com a selvageria, nem com a pirataria, mas sim, de uma forma clara e concreta, lutaremos pela revolução dos oprimidos.

Atendendo, que o momento que passa é de grave responsabilidade para todos, embora, os trabalhadores não tenham culpabilidade nela, mas diga-se bem a verdade, seremos nós, amanhã, os primeiros a rolar pelo espaço, á mingua de alimentos.

Vá, trabalhadores, erguei o vosso sindicato, porque ele, é o teu unico e legitimo defensor! Se o não fizerdes, agora; um dia, tu sentirás a mágua e a paga da tua cobardia, porque não soubesteis cumprir com um dever inegavel.

Ah! como é doloroso, ver uns sacrificarem-se e outros fugirem á defeza duma causa! E jámais, quando ela, reverte em beneficio de todos, mais doloroso e repugnante se torna para connosco.

*

* *

Não vimos aqui, exterminar com o nosso pensamento a vida, as crenças adversarias, vimos sim, como é nosso dever, propor-nos á missão de uma obra iusticeira e sagrada,

ocasião de apreciar — o nosso jornal.

Evidentemente. Embora tenha-se de lutar para manter-lhe uma vida desafogada e duravel como é desejo de todos os que se acham á sua frente que importa para o caso? São precisos sacrificios? Façam-se! E só eles cabem áqueles que incondicionalmente preconizam o ideal socialista. Estando nós, precisamente apoiados nesse campo, cumpre-nos dar-lhe vida e conforto, auxiliando-o intelectualmente, moral e monetariamente, dando-lhe assim o devido aspecto, para que o mesmo possa adquirir a existencia e a força inquebrantavel para nos impormos corajosamente ás culminantes tiranias burguezas.

Objectar-nos-hão de maus, porque afirmamos a Verdade? Mas, que importa? Se é esta, a nossa crença!...

Beja, 1-1-1921

MANUEL RAMOS.

Agradecendo

Agradecemos penhoradamente ao nosso coléga de imprensa *A Batalha*, a prontidão que nos prestou, publicando uma local, dando conhecimento da saída do nosso jornal.

Mais um jornal

Mais um campeão. Mais um pugnador das liberdades vai aparecer á luz da publicidade e oxalá que as classes trabalhadoras, te saibam conhecer o teu sentir e a tua vontade inabalavel de libertar da escravatura moderna aqueles que hoje se encontram subjugados debaixo duma pata mais tiranica do que nos tempos bastante remotos.

Eu, como operario revoltado que sou e serei enquanto se não acabar com todas as desigualdades sociaes, provenientes de mil factores; enquanto se não acabar duma vez para sempre com toda esta podridão já mais-eu deixarei de o ser e já mais eu poderia deixar de vir ás columnas deste pequenino jornal mas, muito grande na ideia que preconisa mostrar o meu sentimento de revolta e ao mesmo tempo de alegria.

Por isso daqui te saúdo e faço votos para que essa legião

O REIVINDICADOR

Jornal que, só defender vítimas da reacção burgueza eu, como sou uma dessas mas saúdo-te, com todo o entusiasmo que por ti sinto desde já dou o apoio moral material que ao meu alcance estiver para que quizermente venhas á luz da publicidade, dizer aos nossos camaradas que andam desviados do nosso seio que venham bramente enfileirarem-se aos seus companheiros conscientes, que são esses, estão lutando com bastas dificuldades pela demora das camaradas que se encontram afastados dos seus sindicatos. Pois eu, como rural e est a braços com a fome e a seria, como todos os que balham que só vivemos muito pouco que a usura tronal nos quer dar em dos nossos braços, é a razão porque apelo para camaradas ausentes que associem quanto mais de melhor para que nós, por nos termo a esta triste ção em que nos debatemos. Salvé Reivindicador! Salvé os que trabalham Beja, 1920.

MANUEL DE BR

Mais um palad

E' hoje que sai á luz a publicidade o primeiro numero d'O Reivindicador cujo se propõe a defender as trabalhadoras da tutela burgueza e capitalista, indicando o caminho da sua ir emancipação.

Mais um paladino! Beja seja intrepido defensor dos oprimidos!

Neste momento em nossos camaradas de fronteiras, caminham a agigantados para a sua tação das garras adunca endinheirada e reiria, sustentando por conscia uma luta tenaz e não poderíamos nós fi silenciosos ante o progresso da humanidade.

Impõe-se nos o imdever agora mais do que ca, de os acompanhar passo preparando-nos para a revolução por n

O REIVINDICADOR 7/1.4.1921 h

REDACTOR
Manuel Ramos
EDITOR
Adriano P. de Freitas

Quinzenario defensor das classes proletarias

Propriedade do grupo editor O REIVINDICADOR

ADMINISTRADOR
Manuel Horta
SECRETARIO DA REDACÇÃO
José Antonio Gois

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Minerva Comercial—Rua da Republica, 77

EVORA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa dos Trabalhadores—Rua dos Pintores—BEJA

Toda a correspondencia deve ser enviada ao camarada João da Rosa Junior

Estrada da Circunvalação—BEJA

CONDIÇÕES DA ASSINATURA

Ano \$20

Semestre \$6

Pagamento adiantado

Reflexão oportuna

A Humanidade nestes últimos anos, embora, triste e apaixonada pelo que vem sucedendo em certas nacionalidades; embora, o ódio seja muito e persistente; as guerras continuas e horripilantes; embora, o crime e a perseguição sirva de *passa tempo* a uma legião de famigerados bandidos e assassinos ao serviço das camadas burguezas; a Humanidade vem por indicar-nos que breve assistiremos a uma transformação social.

De toda a parte, chegam até nós, os protestos, os clamores de revolta contra a actual organização fraudulenta. Quer nos paizes onde as liberdades populares revestem um caracter singular; quer naqueles ainda onde a social-democracia vegete com a acção de intellectualidades apreciadas e vastissimas impondo uma politica dissimuladamente social e economica, mas todavia, o que é certo é que, a phisionomia desses caracteres e governos, são-nos aperas, simples quimeras, mergulhando placidamente nas *aguas turvas*, á sombra de ridiculos beneficios que prestam a esses mesmos povos.

Não vimos ainda no divagar dêsse progresso, que para a dizem existir nos estados burguezes, uma vontade colectiva e apreciavel ou um desejo inabalavel de conservar o existente; vimos enfim, um descontentamento geral sobressair-se das camadas socialistas e proletarianas em vozes estridentes pronunciando-se adverso a todas as manifestações politicas e religiosas. Notamos um insurgimento agitado proclamando novas luctas, novas realisações e aspirações sociaes e comuns que futuramente servir-nos-hão de

equilíbrio e de gestão economica sem a composição de quaisquer elementos ditatoriais ou religiosos, que amanhã possam vir por qualquer eventualidade obstar a marcha dêsse ascetismo ou ainda dificultar a harmonisação da conjunção dêesses povos num regimen puramente socialista revolucionario?

Nos congressos socialistas, que ora se vem realisando através do mundo, esta magna questão, tem sido o ponto principal de toda a discussão. Uns, são da opinião, colaborar-se sob o ponto de vista transitorio, na *frente única*, tendo por objectivo o ingresso na ditadura proletaria. Outros com justificada razão, teem combatido esta formalidade, visto aparentar um caracter retintamente governamental e violento de baixo de todas as formas e aspectos. Estes últimos, sabe bem o caro leitor, que são os anarquistas; adversários de todas as instituições governamentais, pois que, por as considerarem assim tão deletérias, eis o motivo porque elles, as combatem ideologicamente. Praticamente, temos a evidencia dos governos burguezes e quanto aos dos operarios, dar-se-hia o mesmo, uma vez que elles subissem ao pedestal do mando?

Os que perfilham a ditadura, são sem duvida creaturas revolucionarias; são creaturas experientes nas luctas sociaes e sobretudo há uma vaga esperança que os anima. Estudam aprofundadamente a psicologia das massas; os seus intuitos; a sua moral e a sua força. Realmente as multidões estão abatidas. Cheias de viciios e de preconceitos, as multidões, tudo lhes esquece e aborrece quando se trata

de coisas novas que tenham por fim modificar. Corrompidas por costumes archaicos; eivadas de anacronismo e reminiscencias; embriagadas de doutrinas demasiadamente feticieiras e mitologicas, de nada querem saber quando se pretende educar e adaptar o individuo ás feições positivistas e revolucionarias. Claro, está, que muitos militantes do movimento socialista, encontram aqui o maior obstaculo, para a imediata revolução-anarquista. De facto, após a Revolução não é facil, garantir-se como é justo uma vida desafogada ao individuo, com as normas predispostas pela escola anárquica e pela natureza; visto, como se sabe as multidões, desconhecem por absoluto esse progresso e depois estaríamos sujeitos a novas miserias. Actualmente, se é o vicio que conduz persistentemente o individuo, numa condescendencia demasiada á pratica de obscenidades triviaes, desafiando-o impertinente á loucura; atacando-o implacavelmente com enfermidades contagiosas e arrastando-o á morte, o que há primeiramente a executar, para que tais defeitos desapareçam e possamos fazer com esta prole a humanidade perfeita? *Educar?* sim porque *educar é revolucionar*, como diz Eliseu Reclus. Muito bem. Adoptamos esta doutrina. Mas o que é certo, é que se primeiro tratar-mos da educação e depois da revolução, nem para o ano **quatro mil**, a transformação social ha-de ser um facto.

Gostariamos imenso de primeiramente ministrarmos nas multidões a instrução, e mas o que succede? As nossas escolas nos sindicatos, são encerradas pelas autoridades. As nossas bibliotecas são nuilas. Além disto, as obras literárias e scientificas, onde o individuo, pôde colher luz,

são d'elevado preço e por isso só acessiveis aos enriquecidos, ficando desta maneira os proletarios privados de conhecerem o movimento literário, industrial e scientifico que ora agita a Humanidade, «conhecendo-o só quando cáe na vulgaridade de todos os dias, o que, não raro leva anos»

Na escola do Estado-burguez, o pedagogo, ensina a criança a trilhar um caminho falso aos principios humanistas. A patria, o militarismo, o Estado, é constantemente agitado nos labios do professor indicando ás crianças que são estes os trez unicos factores que simbolizam as nacionalidades. Afinal, na escola laica o que se ensina em nada vem modificar a posteridade. L dentro reina a falsidade e a pobreza de espirito!

E' preciso revolucionar. Mas como? Pois se no meio da engrenagem proletarianas são apenas umas centenas de creaturas que impulsionam as doutrinas! O resto, dorme e de nada quer saber; basta lhe o vicio que o domina!! E' facil desbaratar a organização burgueza. Mas é obvio acrescentarmos: *que é nos da ficil a criação da defeza.* O melhor ponto de partida, meio mais viavel que se nos oferece é simplesmente estabelecermos a *unificação das forças, agregando a si todas as escolas socialistas.*

Estabelecamos o laço de solidariedade. Quem for socialista reformista, que se unida desde já ao libertário. Acabemos com mesquinhices; destruíamos preconceitos morais ponhamos por agóra de parte as variadas distincções de escolas e vamos meter mãos á obra. *Todos por um e um por todos.*

Somos socialistas, não verdade? quer parlamentares

Mas também é vulgar poacós usal-a.
E' vulgar apregoar-se a igualdade,
Mas também é difficil encontral-a.

E' vulgar apregoar-se a liberdade,
Mas também é vulgar amesguinal-a,
Pobre de quem tiver a infelicidade,
De mendigar um negro pão de rala.

Se por ventura dão alguns reaes,
E' só para se vêr, — que pedantismo,
O seu nome gravado nos jornaes.

Com os olhos no astro, — mas que cinismo
Fingem compartilhar com o mal dos mais
Demais quando essa caridade... é só egoismo.

Beja — 18-3-921.

Carlos da Fonseca.

quer revolucionarios ou anarquistas libertários, todos, enfim, aspiramos uma sociedade mais equitativa; todos, em suma, lutamos pelo bem geral e pela emancipação dos trabalhadores da tutela capitalista e patronal, embora, uns perfilhem o Parlamento, outros o contrário, mas o que é certo, é que todos preconizam o mesmo ideal, todos procuram atingir a mesma meta, ainda que, usem d'outros meios de acção e de propaganda. E agora, pergunta-mos nós, sinceramente: qual o motivo que nos leva a discutir desalmadamente, invertendo principios; criando confusões em cerebros menos lúcidos, com trapalhadas e opiniões inconsequentes, quando afinal, há justificada razão em agitarmos as multidões, prepará-las, adaptando-as aos principios socialistas e no momento mais oportuno que se nos apresente fizermos então a Revolução. Porém, observamos bem ao contrário. O ódio também tem sementes, nalguns que se dizem socialistas! Outros são conservadores! Tudo isto é pernicioso. Há a necessidade ultra em estrangular-mos do ambiente socialista este dualismo tragico que afecta muitos revolucionarios. No entanto, muitos há que se não convencem disto, e continuam olvidando as nossas palavras.

Em presença deste antagonismo e desta monotonia de ideias, um tanto desnaturado; temos uma coisa que se evidencia e mostra-se potente ante a nossa organização e resolvida a lutar sanguinariamente. Ora essa organiza-

ção sabe toda a gente que é a classe patronal organizada secretamente.

Não queremos com as novas palavras, abordar também uma organização secreta, e jámais todos conhecem os novos intuitos e o campo em que militamos que é assaz nobre e honroso. Dizer-mos sim, que o mundo marcha, e refletirmos claramente os erros de muitos, enquanto, o progresso já se nota claramente lá para as bandas do Oriente, é um dever leal e prestimoso que se faculta á nossa honestidade de camaradas e socialistas revolucionarios. Apesar da desorientação dos mentecaptos e da frouxidão e da ignorancia da maior parte das multidões, há sobretudo a rajada do ciclone que sopra violentamente anunciando o desmoronamento do velho edificio burguez.

MANUEL RAMOS.

Rectificando

No nosso ulterior numero, por motivo da falta de incúria dos tipografos, saiu a eutete, gralhada, gralhas essas que omitem geralmente a antytese da nossa argumentação.

Na primeira linha, onde se lê: «18 de Março de 1821» deve lêr-se: «18 de Março de 1921»; e na 5.ª linha a contar de baixo, onde se lê: «Comuna de Paris de 1821» deve lêr-se: «Comuna de Paris de 1871».

Fica assim nesta desinência de palavras; feita a rectificação do fundamental.

tente», dissémos nós no nosso ultimo artigo. E acrescentámos: «Destruir é fácil, mas construir couza diferente sem que hájam os elementos essenciais a essa construção, é na verdade um pouco mais difficil».

Ora vejamos. E' isto uma verdade incontestável que todos mais ou menos conhecem. Não basta pensar-mos em fazer a Revolução e destruir-mos a actual organização social vigente. O principal é pensarmos a melhor maneira em que ha de assentar a estrutura social, da futura sociedade. O contrário será um erro crasso, de que mais tarde nos arrependeriamos.

O caso é este: Há revolucionarios que entendem que a ditadura do proletariado impõe-se como uma necessidade — embora tranzitoriamente — apoz a Revolução.

Outros condenam esse acto tranzitório que tiraria á Revolução o seu principal objectivo: a abolição de toda e qualquer autoridade. Mas no fundo todos estão de accordo. Todos entendem que a Revolução Social se torna imprescindivel.

Ora eu entendo que nas condições assaz defeituosas em que se debate a humanidade viciosa, e dada as proxmidades da Revolução, que o Comunismo Anárquico que nós há tantos séculos almejamos, não poderá obter um exito seguro se nós não passarmos primeiramente por um acto tranzitório, se bem que não seja completamente aquelle que os primeiros preconizam.

Mas — dirá talvez alguem que me ler — uma vez feita a Revolução, que urge fazer?

Tomar mos como ponto de partida alguns dos problemas mais essenciais, como seja o da educação e instrução popular, cuja falta é bem no ória no regime actual.

Então — dirá ainda esse alguem — desde o principio da Revolução Russa que os seus dirigentes teem destacado toda a sua atenção para esse magno problema e contudo o Comunismo verdadeiro ainda hoje não é lá um facto; perdura ainda a ditadura proletaria.

Pois precisamente porque

os revolucclamaram taria e aind

Não que da Ditadur

Pelo co

Eu não po

espírito qu

derrubar a

substitui-la

não hajam

aonde não

do homem

suma; aor

quem as de

que exister

cidade, q

substituir

que, quer

com os que

ou com os

á «outrance

pre a aut

Para que c

dadeiro ass

sólidas sob

ciso que a h

a verdadeir

trução mo

Mas se nós

este facto s

zente socie

para as ca

poderia to

dade.

Quer di

veriamos a

cada e insti

mente.

Urge em

volução e

acto tranzit

finalmente t

a Igualdad

mana.

Não esse

que Carlo

no seu foli

do Proleta

discordo co

A huma

feliz, emq

lencia e a

O povo

certo hoje

porque co

nado.

Mas — e

Revolução

Ela é un

Se todo

rios que a

até mem

vezes, pen

ticarem aq

que os R

sos pratiq

algo de pr

to em prol